

CASA-TIPO DE CLASSE MÉDIA: A SOLUÇÃO *SPLIT-LEVEL* NAS CASAS MODERNAS DE CAMILLO PORTO EM BELÉM DO PARÁ.

MIDDLE CLASS TYPE-HOUSE:

THE *SPLIT-LEVEL* SOLUTION IN CAMILLO PORTO'S MODERN HOUSES IN BELÉM OF PARÁ

CASA-TIPO CLASE MEDIA:

LA SOLUCIÓN *SPLIT-LEVEL* EN LAS CASAS MODERNAS DE CAMILLO PORTO EN BELÉM DE PARÁ

Jéssica Tavares Miranda¹, Celma Chaves²

RESUMO

Este artigo investiga paralelos entre as casas *split-level* estadunidenses do pós-guerra e as produções residenciais modernas do arquiteto paraense Camillo Porto de Oliveira, entre as décadas de 1950 e 1960, em Belém do Pará. Por meio de uma estratégia combinada de pesquisa histórico-interpretativa e pesquisa qualitativa, investigou-se como entre Estados Unidos e Brasil, as constantes viagens aos EUA contribuíram para as produções residenciais modernas deste profissional. O estudo das plantas originais e a revisão de literatura elucidaram um cenário de experimentação e o sinônimo de inovação arquitetônica de sua obra, principalmente para uma classe emergente. Atualmente, a paulatina destruição desta arquitetura alerta para a pouca atenção que este patrimônio ainda recebe enquanto objeto de estudo. Essas casas refletem como o moderno se disseminou na cultura arquitetônica do país, e, embora sua importância seja evidente, os apagamentos se aceleram em que pese as investigações mais ampliadas sobre o patrimônio moderno de Belém.

PALAVRAS-CHAVE: Camillo Porto; *split-level*; arquitetura moderna; classe média; residências.

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFPA), Belém, Pará, Brasil,
jessicatavares.arquitetura@gmail.com.

² Doutora em Teoria e História da Arquitetura (ETSAB/UPC), Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, docente e pesquisadora do quadro permanente do Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA), Belém, Pará, Brasil,
celma@ufpa.br.

ABSTRACT

This article investigates parallels between post-war American split-level houses and the modern residential productions of the Pará architect Camillo Porto de Oliveira, between the 1950s and 1960s, in Belém do Pará. Through a combined strategy of historical-interpretive research and qualitative research, we investigated how constant trips between the United States and Brazil contributed to the modern residential productions of this professional. The study of the original plans and the literature review elucidated a scenario of experimentation and the synonym of architectural innovation of his work, especially for an emerging class. Today, the gradual destruction of this architecture is a reminder of how little attention this heritage still receives as an object of study. These houses reflect how modernism has spread in the country's architectural culture and, although their importance is evident, the erasures are accelerating despite the more extensive investigations into Belém's modern heritage.

KEYWORDS: Camillo Porto; split-level; modern architecture; middle class; residences.

RESUMEN

Este artículo investiga los paralelismos entre las casas americanas split-level de la posguerra y las producciones residenciales modernas del arquitecto paraense Camillo Porto de Oliveira, entre las décadas de 1950 y 1960, en Belém do Pará. A través de una estrategia combinada de investigación histórico-interpretativa e investigación cualitativa, investigamos cómo los constantes viajes entre Estados Unidos y Brasil contribuyeron a las producciones residenciales modernas de este profesional. El estudio de los planos originales y la revisión bibliográfica dilucidaron un escenario de experimentación y sinónimo de innovación arquitectónica en su obra, especialmente para una clase emergente. Hoy, el declinio de esta arquitectura es un recordatorio de la poca atención que sigue recibiendo este patrimonio como objeto de estudio. Estas casas reflejan cómo se ha extendido el modernismo en la cultura arquitectónica del país y, aunque su importancia es evidente, los borrones se aceleran a pesar de la investigación más amplia sobre el patrimonio moderno de Belém.

PALABRAS CLAVE: Camillo Porto; dos niveles; arquitectura moderna; clase media; residencias.



INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o início do século XX foi o momento em que os arquitetos mais se dedicaram à questão da habitação e da domesticidade (Janjulio, 2014, p. 30). O espírito da modernidade se materializaria em todas as camadas da sociedade, rompendo com a ideia de linhas estáticas e universais e expressando-se em traços fluídos e locais. Em sua trajetória a habitação moderna pôde usar de elementos, tipos, mecanismos e características comuns à sua origem, embora casas modernas operárias em pouco pareceria com casas modernas sob encomenda das classes mais abastadas. Ainda que os princípios da racionalidade, standardização e economia estivessem na gênese dos projetos, os resultados formais, espaciais e simbólicos construir-se-iam amplamente distintos em favor dos proprietários e de suas culturas. A tipologia residencial despontaria como instrumento de experimentação, por meio da qual poderiam ser aplicadas novas técnicas e materiais, em especial com o uso do concreto armado (Benevolo, 2001, p. 392). No Brasil, num processo transcultural, o moderno ganha sua particularidade tornando-se reconhecível a ponto de criar uma cultura arquitetônica (Martins, 2010, p. 132). Não apenas nos grandes centros brasileiros como em cidades “duplamente provincianas” (Gorelik, 2011, p. 10), o moderno permearia, não se subordinando a mera recepção das formas, mas criando um intercâmbio frutífero que produziria objetos únicos em todo o território nacional.

A segunda modernidade experienciada pela cidade de Belém do Pará, a partir da década de 1930, comunica sua inspiração em formas e expressões estadunidenses. Desde a década anterior, a cidade amazônica passaria a se destacar no cenário internacional pelo crescimento econômico resultante da exportação do látex aos países em guerra, e posteriormente, por meio dos “Acordos de Washington” (Chaves, 2016, p. 43-44). As benesses da produção da borracha garantiriam melhorias na infraestrutura da cidade. A verticalização, os prédios públicos modernos e a instalação de bases militares na capital, contribuiriam para um cenário de grande aceitação do “*streamline* norte-americano” (Chaves, 2017, p. 40). Em meados da década de 1950, engenheiros e arquitetos locais despontariam como referências na produção arquitetônica moderna alinhada aos traços americanizados.

O arquiteto e engenheiro Camillo Sá e Souza Porto de Oliveira (1923-2005) ascende neste período ao adotar formas e materiais modernos, que passariam a “alimentar o imaginário moderno local” (Vidal, 2016). Dentre as muitas soluções apresentadas em seu repertório destaca-se o *split-level*. Esta solução foi adotada nos Estados Unidos “para dar bastante espaço aos suburbanos; reunindo um espaço vital em um pequeno lote de terreno” (Robicelli, 2021, tradução nossa). Em Belém, Porto a aplicaria em algumas de suas casas relacionando-a ao novo modo de habitar como sinônimo de modernidade.

Este artigo investiga paralelos entre as produções de Camillo Porto que apresentam o *split-level*, e as casas de classe média estadunidenses desenvolvidas no pós-guerra. A metodologia adota uma estratégia combinada da pesquisa histórico-interpretativa e da pesquisa qualitativa (Groat; Wang, 2013). Apoiando-se na revisão de literatura e na pesquisa documental, buscou-se investigar o contexto da produção das casas, a fim de se conhecer alguns impulsos que culminaram na preferência do arquiteto por esta *casa-tipo* nas décadas de 1950 e 1960. Neste artigo definiu-se tipo como, como princípio de ordem, um sistema de pensamento que dá luz ao fazer arquitetônico e permite conceber inúmeras soluções a partir dele (Waisman, 2013, p. 102; Mahfuz, 1984, p. 93).

A pesquisa qualitativa teve como enfoque a análise formal e espacial dos exemplares selecionados, por meio da investigação das plantas originais, pontuando como as trocas arquitetônicas entre Estados Unidos e Brasil floresceram na incorporação de elementos arquitetônicos na arquitetura residencial moderna de Camilo Porto na cidade de Belém. Compreender o cenário de experimentação e inovação, e o valor simbólico e social da obra de Camillo aliado ao *status* americanizado que Belém apresentava após a Segunda Guerra, insere os *split-levels* como objeto de valiosas investigações das relações transculturais da arquitetura moderna na Amazônia.



O MORAR MODERNO NOS EUA E NO BRASIL

O desenvolvimento do Movimento Moderno nas primeiras décadas do século XX, impulsionado pelos movimentos de vanguarda, e pelas trocas internacionais, principalmente após a Primeira Grande Guerra (Benevolo, 2001, p. 402), cooperaria para um novo momento de advento da cultura arquitetônica moderna em diversos países. Compreendido como é um termo genérico para uma gama de inovações experienciadas neste período (Denslagen, 2009, p. 64), o moderno busca romper com a tradição clássica em defesa de uma nova linguagem. Após 1918, com a destruição bélica, as cidades europeias retomam seu crescimento, adentrando na construção das novas cidades, as produções modernas surgem como sinônimo de força e da implantação de uma nova ordem. Com formas retas e soluções menos rebuscadas, avançariam, agregando novos significados e simbolismos a arquitetura.

Para Berman (2007, p. 99) a modernidade passa por um duplo entendimento de terminologias, onde modernização estaria para economia e política, e modernismo para a arte e cultura, sendo a primeira requisito para a existência do segundo (Harvey, 2008, p. 97). O 'ser moderno' constitui-se uma experiência de pertencimento ao espiral de mudanças que os tempos proporcionam. A modernidade do século XX se alicerçou sobre um terreno de modernizações urbanas, científicas, estruturais e tecnológicas, que fizeram das cidades o *slogan* do moderno e de seus valores. Deste modo, mais do que um tratado descritivo de formas e elementos, arquitetura moderna se construirá sobre intenções compartilhadas do sentimento de modernidade.

A aproximação entre arquitetura e indústria no período Pós Guerra, objetivando tornar as residências mais acessíveis em termos de tempo e rendimento, serviria como referência para muitos arquitetos. Na Bauhaus, sob a direção de Gropius, o aperfeiçoamento de técnicas e produtos artesanais desenvolvidos para produções em série e a escola enquanto um laboratório, deveriam atender a uma demanda tanto quantitativa quanto qualitativa das habitações (Benevolo, 2001, p. 430; Hernández, 2014, p. 67; Kamita, 2004, p. 142). O pensamento higienista e a ascensão do *existenzminimum*, contribuiriam com os protótipos ideais de habitação, propondo dimensões mínimas para os espaços. A naturalização da nova célula habitacional, o *standart*, exigiria dos arquitetos estratégias para aceitação dos ideais modernistas na dinâmica da vida operária. Para Denslagen (2009, p. 45) o público em geral nunca teve muito apreço pelo Movimento Moderno, assim, nos Congressos Internacionais (CIAMs) de 1928 e 1929 os debates se centraram em como superar a pouca simpatia dos usuários pelos novos modelos habitacionais.

O número de habitantes, grau de umidade e temperatura definiriam os parâmetros básicos da concepção da nova vivenda. Dentre as estratégias funcionais, espaciais e formais, a que mais caracteriza a arquitetura moderna é, talvez, a planta livre, configuração espacial adotada por Le Corbusier na casa *Dom-ino* (Hernández, 2014, p. 91-92). Tanto a "habitação mínima de Gropius" quanto a "máquina de morar corbusiana" eram as novas faces da morada moderna "legitimadas pela força inquestionável do espírito da época" (Kamita, 2004, p. 142).

No continente americano, o sinônimo de 'ser moderno' se apresentaria de maneira distinta em países como Estados Unidos e Brasil, fato que carece de alguns esclarecimentos. Embora teóricos da arquitetura não concordem em como a linguagem moderna seria adotada nos EUA, sabe-se que a crise econômica no país unida à crise política europeia ajudaria a inserir princípios modernos no setor residencial. A experiência da pré-fabricação naquele país ganharia força a partir de 1930. O adensamento dos centros urbanos e a organização dos bairros residenciais nos arredores, graças à popularização do automóvel, permitiria às residências a permanência no ecletismo e estilismo histórico, e às regiões centrais a verticalização com traços da modernidade (Lara, 2018, p. 77; Benevolo, 2001, p. 600). Com os eventos bélicos da década de 1940, a arquitetura moderna se reconfigura geograficamente e redireciona os holofotes principalmente para os EUA (Segawa, 2018, p. 104), incluindo também países latino-americanos, escandinavos e asiáticos, na produção de um moderno embebido pelos costumes locais e pela experimentação (Benevolo, 2001, p. 711).



Os velhos métodos de projeto frente às demandas da indústria e de uma classe muito mais exigente, acostumada à personalização, não seriam mais suficientes para a escala dos problemas habitacionais que se apresentavam no país norte americano. Passam a ser pré-fabricadas pequenas *villas* em estilo colonial, abertas a modificações em favor dos clientes (Benevolo, 2001, p. 600). Espaços mínimos não seriam facilmente adotados, pelo contrário, casas pensadas em termos qualitativos e passíveis de arranjos múltiplos seriam incentivadas. Estudos como as *Usonian Homes*, de Frank Lloyd Wright (1867-1959) previam a simplificação dos processos construtivos e a otimização dos espaços em preços acessíveis, sem perder a essência da construção tradicional. Como resultado desses intentos despontaria o *Good-Life Modernism*, uma versão da arquitetura moderna doméstica, acessível ao grande público, e largamente oferecida pelos veículos de comunicação. Esta arquitetura penetraria no mercado imobiliário e chegaria às classes médias como sinônimo de conforto, aconchego, lar e boa vida (Janjulio, 2014, p. 243-246).

As aproximações entre Brasil e EUA remontam o período da Segunda Guerra Mundial, por meio da “política de boa vizinhança” dos Estados Unidos para a América Latina. A exposição *Brazil Builds*, apresentada em 1943, em Nova York, juntamente aos filmes, rádio e músicas da Norte América estimulariam os intercâmbios. Os valores e costumes promovidos pelos veículos de comunicação estadunidenses tornavam-se referências para os brasileiros da época, iniciando-se pelos grandes centros do país. Arquitetos do sudeste do Brasil, a princípio, assumiriam o papel de divulgadores de uma nova arquitetura residencial com traços americanizados. As viagens internacionais, as revistas técnicas e as bienais foram um cenário frutífero para a consolidação desta arquitetura (Janjulio, 2014, 86-88). Ressalta-se novamente que arquitetura moderna doméstica americana diverge da clássica imagem europeia da casa moderna, e mescla-se ao tradicionalismo e a ideia de flexibilidade. Quando chega ao Brasil, promove uma experiência única e com traços de encomenda, divergindo da experiência estadunidense da construção em massa das incorporadoras

O Brasil seria então, um cenário propício para a experimentação da casa moderna. O descompromisso com as exigências da produção industrial e a inexistência da pressão pela crise habitacional desobrigaria os arquitetos nacionais a um padrão estadunidense ou europeu, deixando um caminho tanto para experimentações plástico-estéticas quanto para “a conservação de valores tradicionais associados ao abrigo à proteção, à familiaridade, ao recato e ao intimismo” (Kamita, 2004, p. 144). Limitações quanto aos materiais e técnicas, incompatíveis com os conceitos de racionalização e produções em série, levariam arquitetos a fazer uso de materiais locais em busca de uma expressão formal. A urbanização acelerada e a industrialização do país durante as décadas de 1940 e 1950, moldariam um ideal ligado a um padrão de vida elevado pelo consumo de mercadorias. A aspiração das classes em ascensão seria reproduzir o estilo de vida norte-americano, fosse pelo consumo de bens ou da forma de habitar. O *status* de ‘morar bem’, denotava usufruir de um espaço racionalizado, prático, confortável e com acesso a eletrodomésticos.

Penetrando em todas as camadas da sociedade, a linguagem moderna ganharia sua hegemonia entre as classes médias brasileiras das décadas de 1950 e 1960, muito em função das revistas, que vislumbravam educar o leitor à aceitação de uma nova arquitetura (Janjulio, 2014, p. 25). À medida que as relações se estreitam entre os dois países, as produções nacionais fortalecem suas referências apropriando-se de tipos e formas, mesclam-se com os conhecimentos locais e produzem uma individualidade arquitetônica. Os objetos gerados por arquitetos locais em busca de reconhecimento profissional, social e prestígio (que apenas a inovação seria capaz de proporcionar), são símbolos e respostas à sociedade, objetos perpetuadores de uma época.

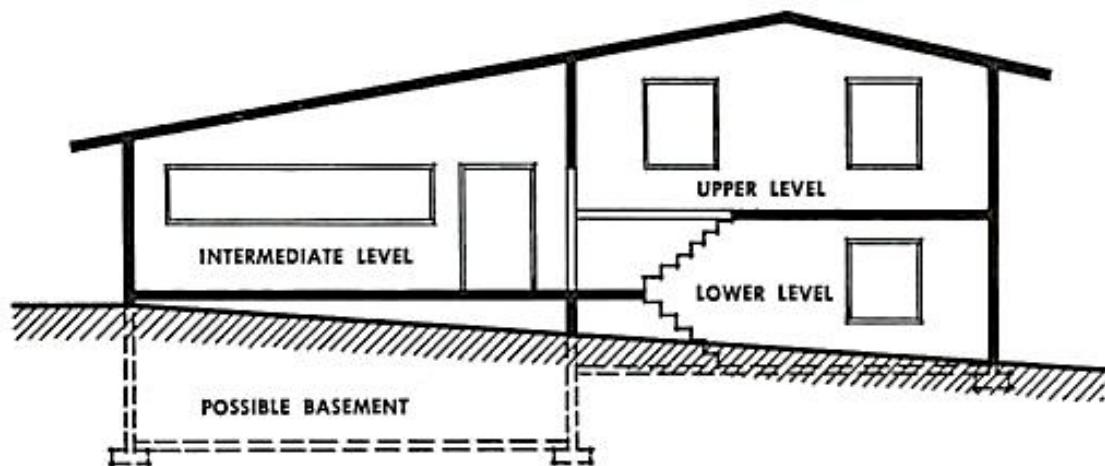
SPLIT-LEVEL STYLE: CASA MODERNA DA CLASSE MÉDIA NOS EUA

Nos anos posteriores à Segunda Grande Guerra, os Estados Unidos remodelariam muitos de seus aspectos físicos e sociais. As duas décadas seguintes ao fim dos conflitos deixariam clara uma escassez habitacional naquele país, incentivando um *boom* imobiliário. O regresso dos veteranos seria marcado por um aumento nas hipotecas, permitindo que milhares de famílias adquirissem sua casa própria. De fato, sem tal incentivo



não seria possível à população a compra de imóveis. Os construtores encontrariam vantagens neste cenário, mas teriam que se adaptar às regras de elegibilidade dos programas governamentais, limitando imóveis em áreas e preços. Assim, os arquitetos ver-se-iam obrigados a alterar suas práticas, desenvolvendo casas que atendessem diretrizes federais e seguissem um padrão industrializado (Clifton, 2020, p. 2). Neste contexto, a tradicional casa de dois pavimentos tornava-se inviável pelas amplas dimensões e elevados valores. Entretanto, o consumidor exigia uma casa em padrões modernos e acessível financeiramente. Essa casa final deveria comportar uma família em crescimento, que oferecesse espaço para o desfrute de momentos de socialização entre o núcleo familiar e entre os convidados. A mídia impressa e o cinema encorajavam essa nova vida casual e interativa nos ambientes domésticos. O novo estilo de vida demandava a habitabilidade pela maximização na eficiência dos espaços internos, ambientes flexíveis, e que incorporassem tudo de moderno e tecnológico que o mercado oferecesse (Clifton, 2020, p. 2).

Figura 01: Corte de modelo *split-level*.



Fonte: University Of Illinois Bulletin (CRAIG; JONES, 1960).

Do incentivo de políticas públicas às expectativas dos novos consumidores, a *split-level* surge como uma *casa-tipo*, rapidamente ganhando popularidade pela estética moderna para aquele tempo. Ocupando consideráveis áreas em pequenos lotes, tornaram-se acessíveis para a classe emergente. Não sujeitas a rigidez dos ambientes previamente estabelecidos, os ambientes se dispõem para onde os níveis permitirem. Caracterizada por níveis escalonados, conecta-se por meio lance de escadas a uma planta de dois andares mais baixos, criando três níveis de pisos (Robicelli, 2021). Assim, a casa teria uma aparência de dois pavimentos, mas seguindo as diretrizes habitacionais para empréstimos de construção.

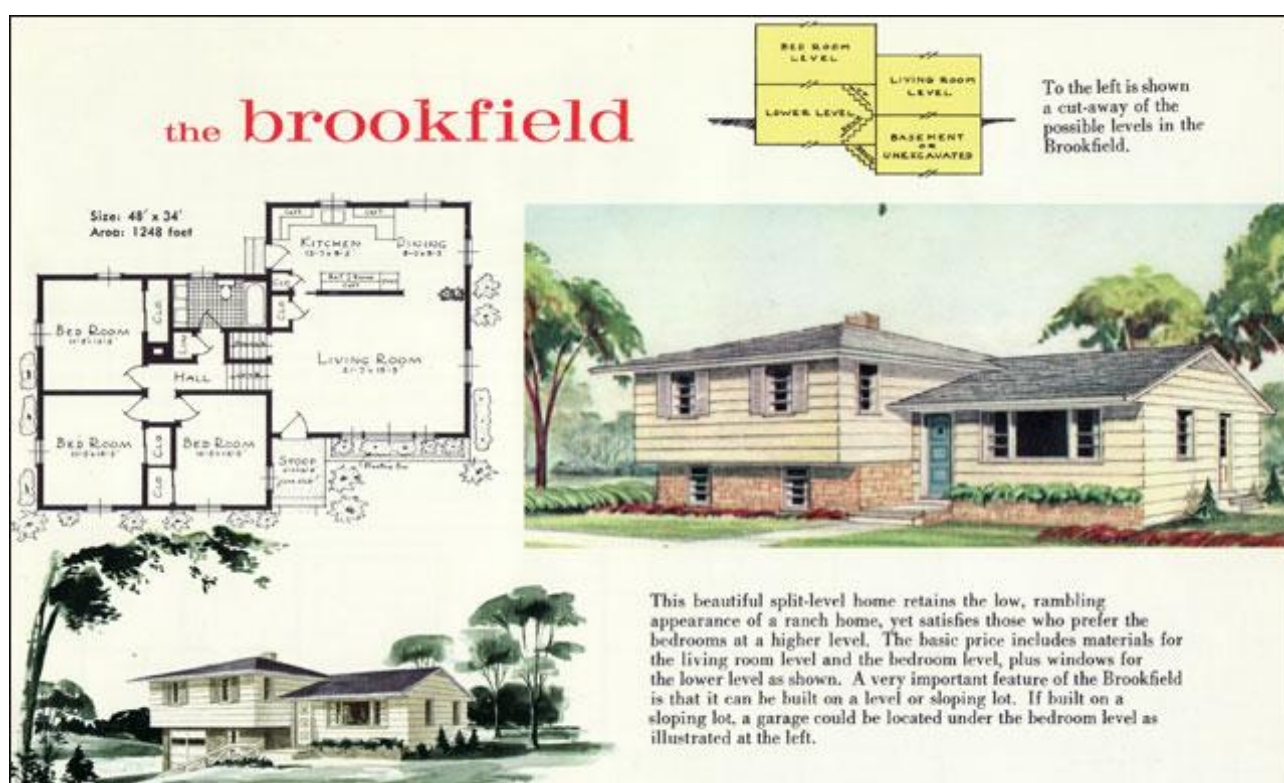
Os espaços integrados e aliados aos desníveis fariam a setorização da habitação. O layout determinaria pelo menos três setores internos: a área de estar ou pública ao nível do solo, onde ficariam a entrada, as salas de estar, jantar e cozinha; um nível superior para os quartos e banheiros; e uma área 'barulhenta' e utilitária no nível mais baixo e semienterrado, para garagem, lavanderia, depósito ou sala recreativa (destacando-se aqui a inserção de novos elementos na dinâmica familiar, como a TV e o automóvel). Variações seriam possíveis deslocando quartos e banheiros adicionais para o nível inferior, e a garagem poderia ser um abrigo anexado ao nível principal (*carport*) (Craig; Jones, 1960, p. 2, tradução nossa). Nos



exteriores são identificados telhados baixos, beirais largos e salientes, janelas duplas e menores no nível mais alto, uma grande janela panorâmica no nível principal, pátio com portas de vidro deslizantes, e o uso de materiais naturais como tijolo e madeira (Breckenridge, 2003; Clifton, 2020, p. 3).

Com o arrefecimento do mercado essas casas passam a serem vendidas em formatos pré-fabricados e por meio de catálogos, na década de 1950. Poderiam ser construídas em variadas implantações (*sidesplit*, *backsplitted*, *stackedsplit*, *entrysplit*), comumente utilizando tijolos ou pedras no nível inferior, *wood-frame* ou compensado nos andares superiores e telhados de madeira ou telha asfáltica. Ocupando em média cinquenta por cento menos do terreno que uma casa tipo rancho, maximizam-se as áreas internas e permite-se uma área útil semelhante àquelas. Com uma área menor a ser coberta os recursos poderiam ser revertidos para outras partes da habitação (Robicelli, 2021; Clifton, 2020, p. 4).

Figura 02: Anúncio de casa *split-level* da década de 1950.



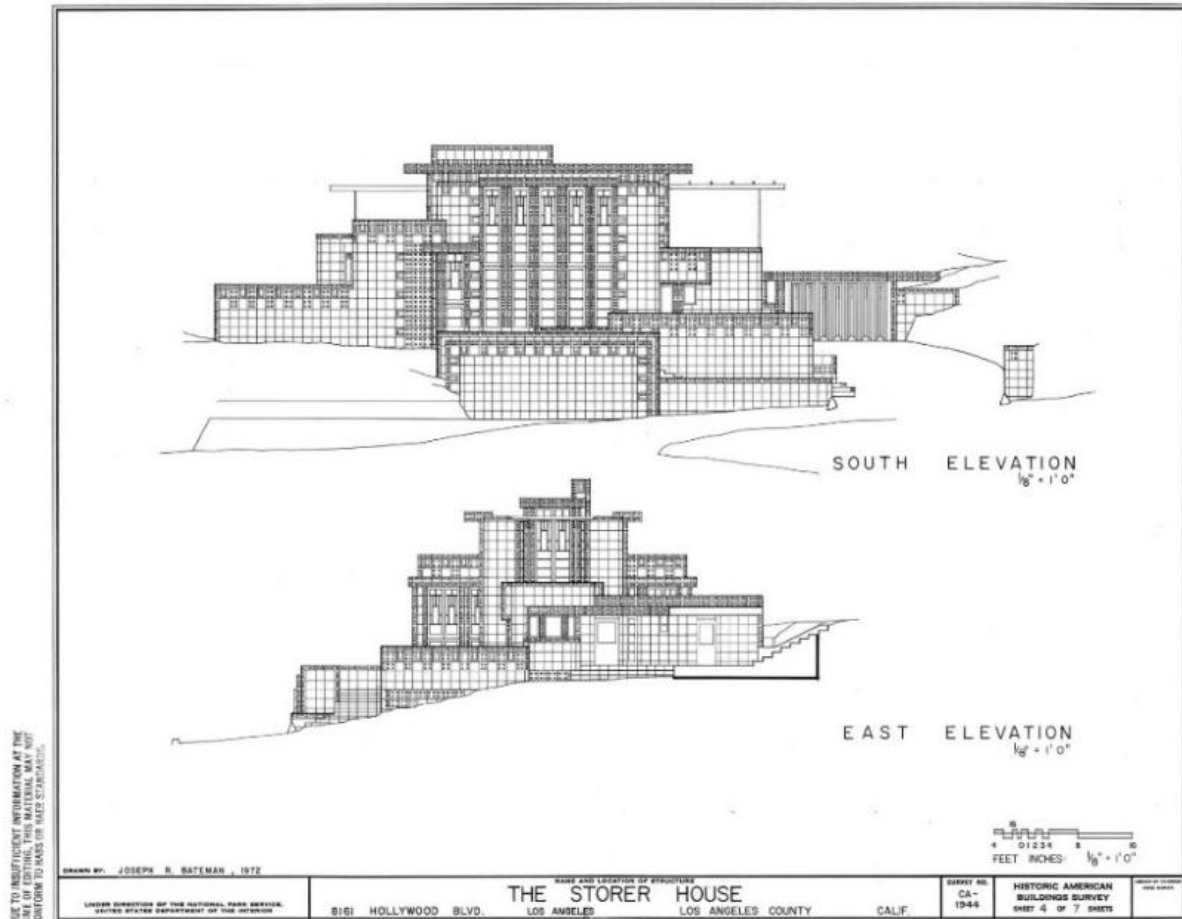
Fonte: susanyeleyhomes.com, 2024.

Embora a popularidade da tipologia no pós-guerra, não foi necessariamente formulada neste período. Estudos apontam suas origens na arquitetura de Frank Lloyd Wright (1867-1959). Segundo Elwin Robison¹, a *split-level* se origina a partir das casas de pradaria do arquiteto, especialmente nas características exteriores como as fachadas assimétricas, telhados baixos, beirais largos e materiais naturais. Consiste também em uma variação da popular casa de rancho, que em sua gênese recorre ao “conceito aberto” (Breckenridge, 2003). Especula-se que a *Storer House* de Wright, de 1923, na Califórnia, inaugurou a ideia de pisos escalonados, evitando um nivelamento drástico do terreno de situação, e ganhando popularidade nos anos seguintes entre clientes abastados (Clifton, 2020, p. 3). O apelo estético da *split-level* cresceu para além da sua funcionalidade projetual de tirar proveito de terrenos inclinados, sendo construída também em terrenos planos e exigindo movimentação de terra e escavações (Craig; Jones, 1960, p. 2). Essas casas seriam construídas principalmente no Leste e Centro-oeste estadunidenses, mantendo-se populares até os anos 1970, quando começariam a cair em desuso. Tal fato deve-se



principalmente por este tipo de casa ter servido de ponte entre diretrizes habitacionais federais e o apelo da tradicional casa de dois pavimentos, atrelada a um momento cultural e econômico específico de duas décadas (Breckenridge, 2003; Clifton, 2020, p. 5).

Figura 03: Elevações sul e leste da casa Storer de Frank Lloyd Wright.



Fonte: [historicamericanhomes.com](https://www.historicamericanhomes.com), 2024.

De importância histórica e sociocultural, as vizinhanças suburbanas do pós-guerra marcam um período de grandes mudanças na paisagem arquitetônica estadunidense. Princípios modernos de funcionalidade, flexibilidade, integração, simplicidade, eficiência, e mudanças na dinâmica familiar seriam absorvidos e assimilados como parte do *american dream*. Embora seu valor de novidade tenha declinado, a *split-level* progressivamente vem adquirindo um *status vintage*, elevando sua importância aos olhares preservacionistas. Embora o colonial e o *cottage* sejam ainda preferências naquela país, o *tipo split* ainda garante flexibilidade e preços mais acessíveis que outros, assegurando seu valor dentro de um mercado competitivo e de uma sociedade em constante busca pelo gosto da moda.

CAMILLO PORTO E O *SPLIT-LEVEL STYLE*

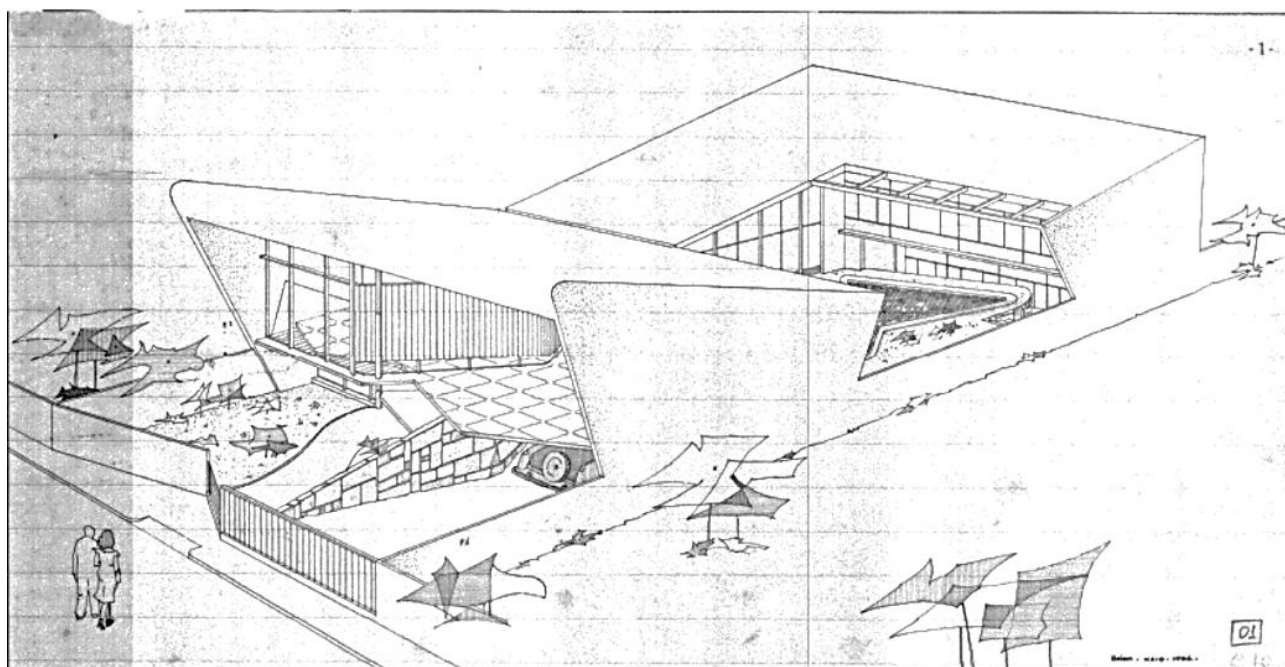
Embora Camillo Porto já houvesse projetado casas com apelo déco e neocolonial, passaria a ser reconhecido como um arquiteto moderno no final da década de 1940. O arquiteto era um entusiasta do modo de vida estadunidense desde muito jovem. Seu contato com a cultura dos Estados Unidos se deu ainda em Belém, por meio da aproximação com soldados e missionários com quem praticava o idioma.



Não só ele, mas muitos da capital viviam o *zeitgeist* que adentrava na vida local pelos gostos musicais, objetos e vestimentas. Nos primeiros anos da década de 1950, Camillo viajaria para os EUA após uma temporada no Rio de Janeiro. O objetivo do arquiteto era a busca por um repertório ampliado, e alavancado através de uma bolsa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), patrocinada pelo Departamento de Estado norte-americano. Baseado em Washington D.C., posteriormente viajaria por outros estados, para estágios de observação em grandes companhias entre elas General Eletric e General Motors, além de repartições públicas como a ONU. Deste modo, conheceria pelo menos trinta estados daquele país, entre regiões Leste e Oeste. Neste período que passara nos Estados Unidos pôde ter contato com o *split-level*, que adotaria em seus projetos a partir de 1956, projetando principalmente para a nova classe em ascensão, formada majoritariamente por profissionais liberais (Tavares, 2022, p. 78), cujas referências foram mencionadas em distintas entrevistas que o arquiteto concedeu a estudiosos de sua arquitetura².

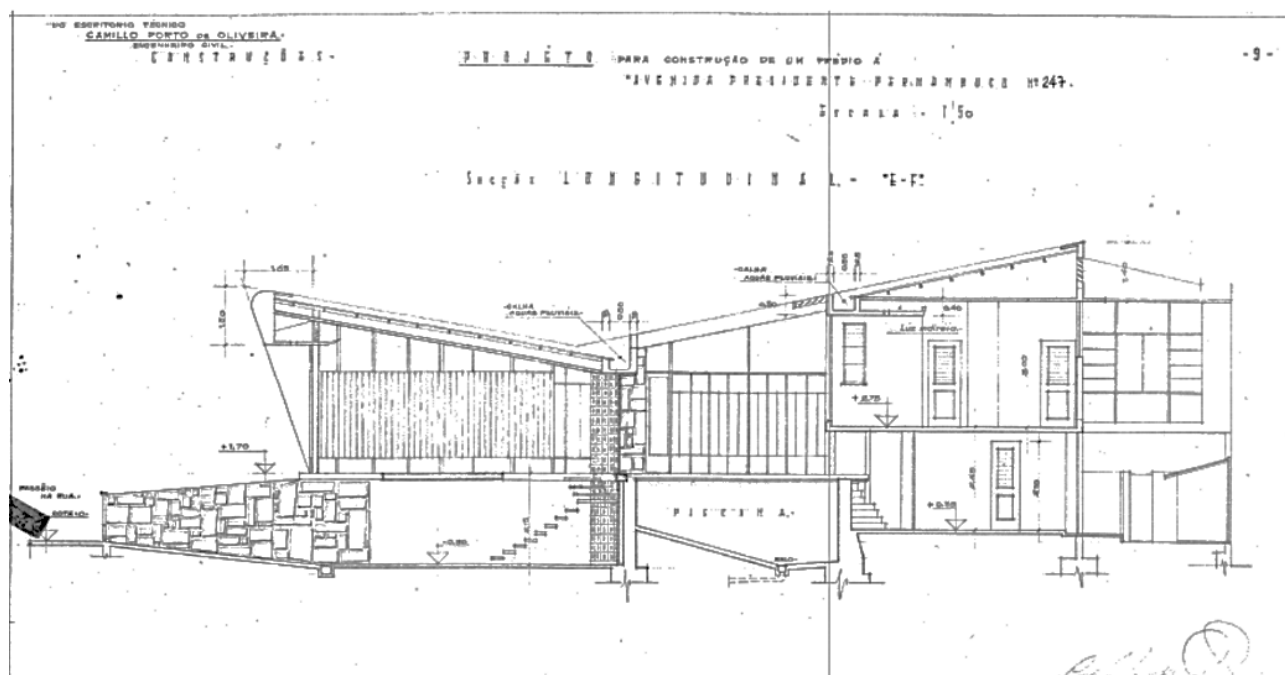
Seu primeiro projeto conhecido a fazer uso da *solução-tipo* foi sua própria residência. Localizada em um lote estreito de 10,00x 20,00m, no bairro de Batista Campos, por meio dos desenhos originais, percebe-se nos exteriores uma forte inspiração nas formas niemeyerianas e da escola carioca, e nos interiores um programa semelhante ao das casas do pós-guerra estadunidense. À medida que se adentrava na casa, quatro níveis se evidenciavam, setorizando os espaços internos (Figuras 04 e 05). Na parte frontal, em um nível mais baixo que a rua e semienterrado estavam o abrigo de carros, o depósito e uma sala de apoio. Duas escadas conectavam este nível aos superiores: a primeira ao *living room*, uma área social mais alta, e a segunda ao nível 'diário' ou intermediário, de atividades cotidianas. Em um nível superior, no espaço íntimo, os quartos se encontravam em um pequeno *hall*. O banheiro compartilhado³, assim como o lavabo do nível 'diário', e a escolha de roupeiros tipo *closet* indicavam forte conhecimento da dinâmica das casas norte americanas. O uso de expressões inglesas nas plantas para denominar os espaços reafirmava o espírito americanista do arquiteto (Tavares, 2022, p. 196).

Figura 04: Projeto da casa de Camillo Porto - Perspectiva (1956).



Fonte: Acervo LAHCA, 2022.

Figura 05: Projeto da casa de Camillo Porto - Corte (1956).

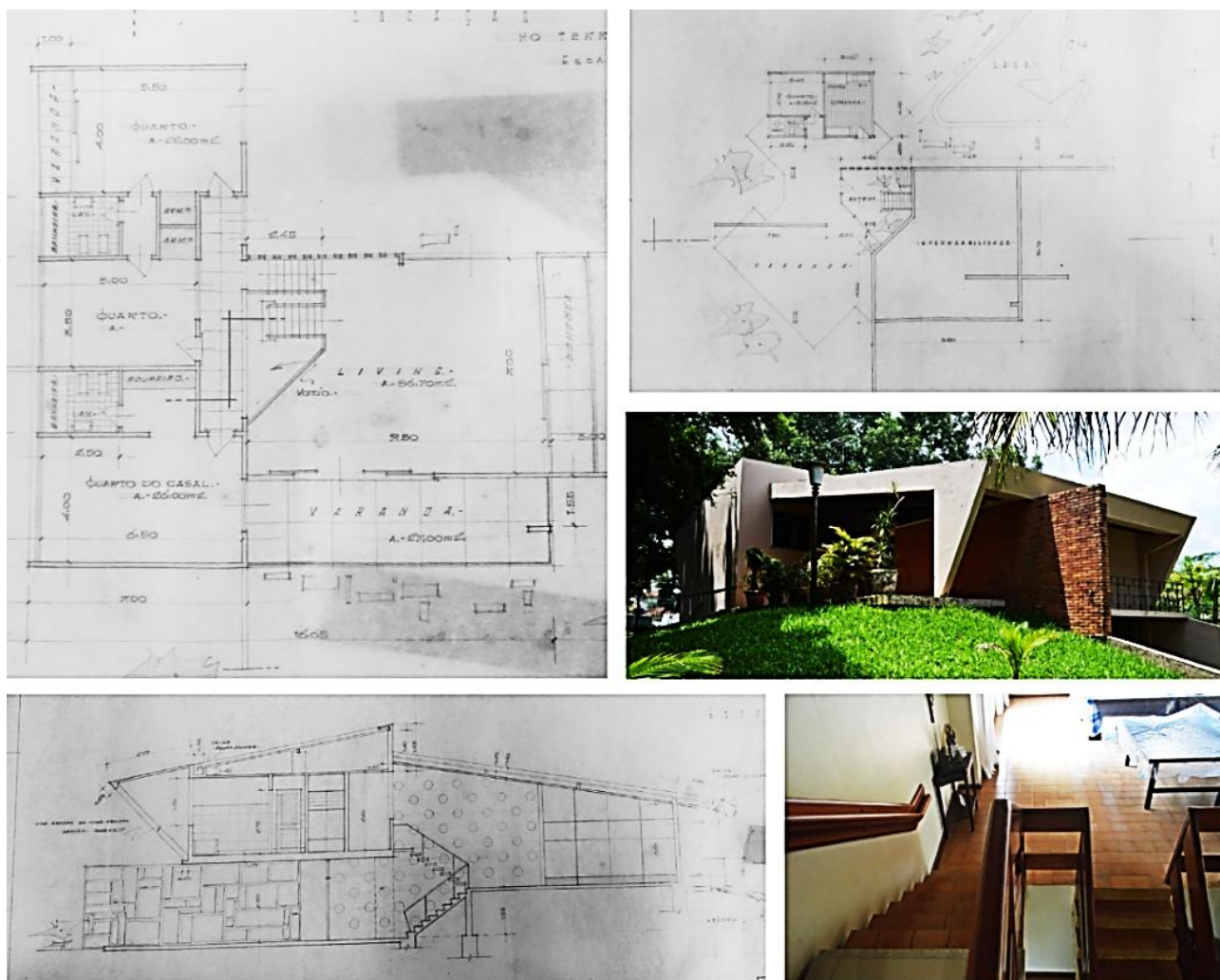


Fonte: Acervo LAHCA, 2022.

A exemplo das *split-levels*, na casa de Camillo Porto os acessos cotidianos se davam pelo andar inferior onde ficava a garagem. Naquelas, isto ocorre pelos pequenos acessos ao *hall* de entrada; na casa do arquiteto, o acesso pela garagem se dá pela facilidade de circulação ao nível da rua. Em ambas se percebe o uso da pedra nos níveis inferiores, demonstrando uma adaptação da técnica estrangeira na busca de resultados formais. Nesta casa, a movimentação de terra agrega-se ao processo construtivo como parte da estrutura, condicionando a forma e criando aclives e declives que permitem o aumento de área construída, gerando ambiências próprias que proporcionam um efeito imponente ao exemplar⁴.

Na casa⁵ do empresário Wady Chamié (1958), hoje totalmente demolida, localizada na região metropolitana de Belém (Ananindeua), em um lote de esquina de generosos 1.600m², uma construção de aproximadamente 300,00m² os ambientes de serviço como a cozinha estavam localizados no nível inferior. No piso intermediário, o *living* e a varanda eram os espaços das relações. Neste nível, a movimentação de terra criou um pequeno morro que deixa a casa mais elevada em relação ao logradouro à leste. O projeto original previa um espaço completamente aberto no andar inferior, com acesso a entrada principal tipo *entrysplit*. Nas casas dos EUA já mencionadas, a entrada principal próxima às escadas criam uma circulação mais eficiente, gerando um tráfego independente para cada um dos setores da residência. Na Chamié, as escadas e desníveis se apresentam como elemento de destaque e subversão das tradicionais circulação e porta de entrada. No setor íntimo, os quartos se direcionam para a alameda a sudeste. A casa mais tarde seria alterada no nível inferior, recebendo uma garagem e alvenaria de vedação no perímetro, criando-se neste espaço uma outra sala. Assim, os princípios projetuais garantiram a flexibilidade dos ambientes ao gosto do cliente/usuário como nas *splits* norte americanas.

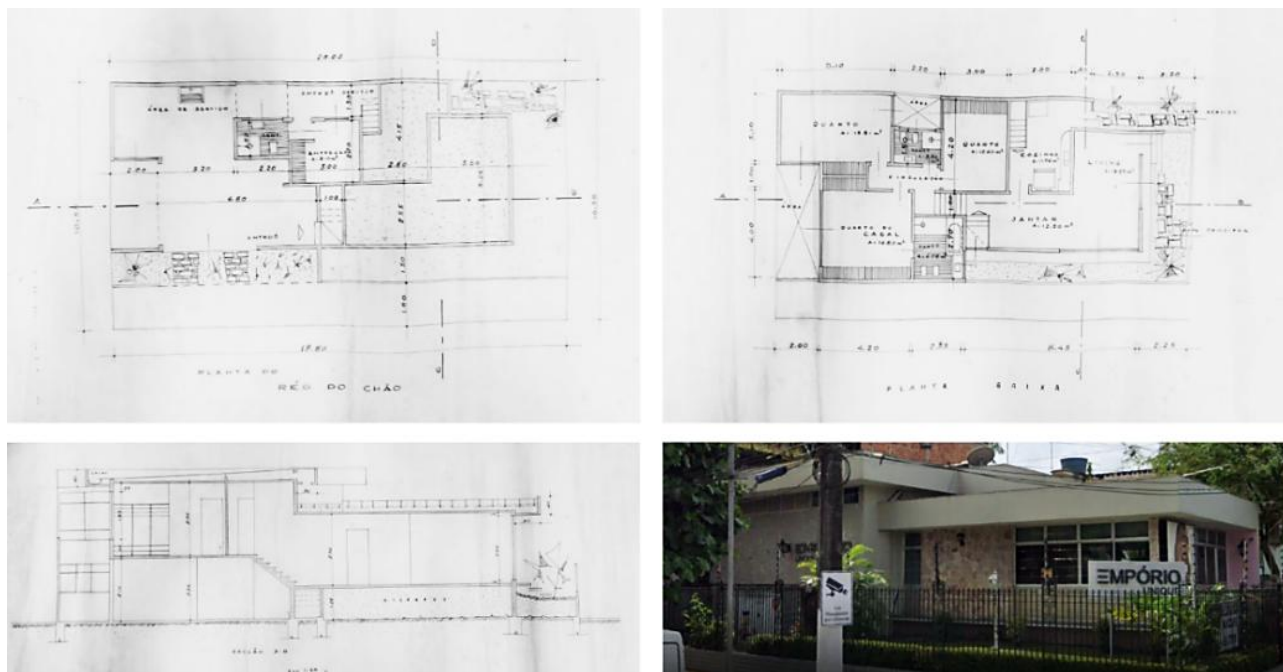
Figura 07: Projeto e imagens da casa Chamié (1958).



Fonte: Acervo LAHCA, 2025 e Fotos de Gabriel Gaby, 2019.

Posteriormente, na década de 1960, o escritório de Camillo Porto e Antônio Couceiro⁶ iniciaria um período criativo de residências de volumes mais contidos, linhas retas, uso de pedras, degraus incrustados no terreno, gradis baixos, casas predominantemente térreas com um meio nível anexado. Percebe-se nos exteriores uma aproximação com a arquitetura das casas usonianas de Wright, de telhados achatados e grandes cortinas de vidro. Na casa Ary Tavares (1969) evidenciam-se os princípios projetuais das *sidesplit*, ao se conectar um volume maior ao volume lateral menor, e implantar a garagem a um nível mais baixo (Figura 08). O terreno plano foi movimentado para elevar um meio nível e criar o efeito escalonado. Localizado em uma esquina do bairro do Marco, o lote tem dimensões de 11,00x20,00m, com a residência implantada aos fundos, criando um jardim em formato de L na frente da casa. A entrada da garagem pela via de maior movimentação cria um acesso independente da entrada principal, que se dá pela rua lateral. O jardim frontal resgata a imagem da clássica *split* dos EUA. Na casa paraense, as pedras são utilizadas como acabamento e elemento decorativo, as platibandas e as esquadrias em alumínio reforçam a imagem do moderno brasileiro. Aqui o arquiteto consolida a solução *split* em terrenos menores e com a estética de uma escala diminuta.

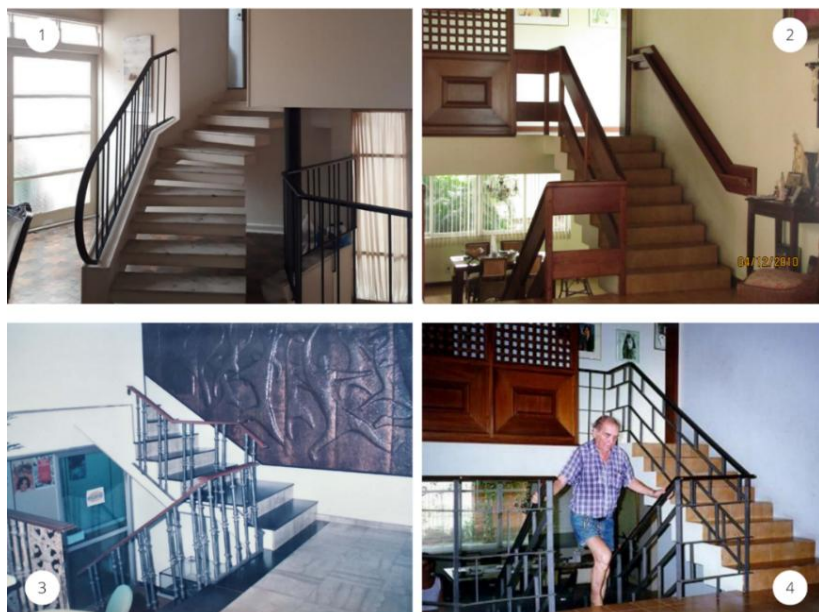
Figura 08: Projeto e imagem da fachada da casa Ary Tavares (1969).



Fonte: Acervo LAHCA, 2025.e Google Maps,2025

Outras casas nas quais o arquiteto adotou o conceito *split* em sua arquitetura foram a Casa Bendahan (1957), Casa Altino Pinheiro (1965) e Casa Flávio Lima (1969). Assim como suas semelhantes estadunidenses, as *splits* paraenses caíram em desuso em um curto período, com consequente declínio de seu valor de novidade. Atualmente vê-se um gradativo apagamento da arquitetura residencial moderna na cidade de Belém. Boa parte destas residências mudaram de uso, impactando em suas características de gênese. Aquelas que permanecem com o uso original enfrentam deterioração física e apagamento simbólico. Assim, estas casas enfrentam iminente destruição sem maiores investigações de seu valor arquitetônico, histórico e cultural.

Figura 091: Casa Flávio Lima, 1959 (1); Casa Chamié, década de 1950 (2); Casa Altino Pinheiro, 1965 (3); Camillo Porto na casa Chamié (4)



Fonte: Gabriel Gaby, 2019; Acervo LAHCA, 2010; Alcione Oliveira, 1999 e Daniel Campbell, 1999.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *split-levels* de Camillo Porto inauguram um momento de inovação projetual nos interiores e posteriormente exteriores das casas modernas da cidade de Belém. Para o arquiteto, o *split-level* se tornou uma assinatura projetual. Imerso e atento a todo um contexto econômico, político e cultural, Camillo Porto usou de sua arquitetura para reafirmar seu posicionamento dentro de uma sociedade ávida pela cultura moderna aos moldes estadunidenses. Todo o contexto de crescimento do país, com o impacto da criação de rodovias, a recepção de formas arquitetônicas e a ascensão da linguagem moderna corroboraram para uma nova imagem de modernidade a capital paraense. E, embora os contextos de estratificação social difiram a classe média estadunidense da classe média paraense, sabe-se tanto lá quanto aqui as *split-levels* floresceram em classes emergentes e como sinônimo de boa vida e inovação construtiva.

Belém é uma cidade de lotes predominantemente planos, portanto era necessário movimentação de terra para adotar a solução *split*, confirmando que, ainda que ações de engenharia mais complexas fossem necessárias, cliente e arquiteto estavam dispostos a investir tempo e recursos em favor de uma arquitetura única e simbólica. O *tipo-split* se destacaria no partido da casa, sendo imperceptível nos exteriores *a priori*. Camillo usaria a estética do concreto nas estruturas e neste ponto, em geral, as formas das casas do paraense pouco se assemelham as casas norte americanas. Tal fato inaugura uma casa *split* com características particulares, e de exteriores semelhantes aos traços de Niemeyer e Bratke, de cujas arquiteturas Porto de Oliveira era admirador, como declarou em diversas ocasiões.

O estudo desta *arquitetura-tipo* contribui com a construção do campo historiográfico da arquitetura moderna na Amazônia, na medida que colabora para trazer à luz a diversidade de casas modernas do arquiteto em foco e reconhecimento aos profissionais da arquitetura como Camillo Porto, que não atuaram nos grandes centros do país.

Limitado pela impossibilidade de acesso ao interior das residências, o trabalho não se aprofundou em uma análise mais ampla dos materiais utilizados nas obras. Vale ressaltar também o pouco material técnico e/ou acadêmico disponível (mesmo em língua inglesa) sobre as *splits* norte americanas, que são principalmente apresentadas em sites de corretoras ou matérias que destacam seu valor histórico.

Neste artigo não foi possível adentrarmos na questão das variações ou origens dessa solução arquitetônica para além da cultura arquitetônica dos EUA. Isso deveu-se principalmente às referências apresentadas pelo arquiteto paraense que, como já mencionado, ressaltava sua identificação com o *split level* estadunidense. Esse é o motivo de ausência de referências às casas projetadas e construídas pelo arquiteto austríaco Adolf Loos com seus *raumplans* e seu diálogo com Frank Lloyd, o que consideramos um desenvolvimento instigante e pertinente para futuras investigações. No que se refere ao tema das casas *split* de Camillo Porto, este não se encerra no presente artigo, pois muito ainda há por desenvolver em outros aspectos como, na investigação sobre os clientes encomendantes, a tectônica das casas, ou o papel da mídia na veiculação dos traços residenciais modernos em Belém.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa, o qual permitiu a produção deste artigo, por meio da bolsa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA. À toda a equipe do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA) por sua colaboração e apoio, necessários para a produção da pesquisa em questão. À família Porto de Oliveira por suas informações sobre a atuação do Arquiteto Camillo Porto. Aos arquitetos Gabriel Gaby e Alcione Oliveira, por nos fornecerem algumas fotos dos objetos de estudo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- BRECKENRIDGE, Mary Beth. Split-Level Houses Gain Stature. *Washington Post*, February 15, 2003. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/realestate/2003/02/15/split-level-houses-gain-stature/03c1abac-bc11-4c69-9d39-4a4ecebff1ca/>. Acesso em: 06 nov. 2024.
- CHAVES, Celma. Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia. *Revista Amazônia Moderna*, Palmas, v.1, n.1, p.26-43, abr.-set. 2017.
- CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **O Plano de Urbanização de Belém: Cidade e Urbanismo na década de 1940**. 2016. 217 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História Social da Amazonia- PPHIST-, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- CLIFTON, Laura. Leveling Up: Split-Level Houses in Post-War Suburbia. The Historic Dimension Series: A student publication series by the UNCG Department of Interior Architecture. *University of North Carolina*, Spring 2020. Disponível em: <https://gateway.uncg.edu/islandora/object/community%3A35017?search=Leveling%2520Up%253A%2520Split-Level%2520Houses%2520in%2520Post-War%2520Suburbia>. Acesso em: 06 nov. 2024.
- CRAIG, G. Lewis; JONES, Rudard A.. Split-level houses. Small Homes Council - *University of Illinois Bulletin*, Vol. 58, Nº. 24, Dec. 11, 1960. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/54706>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- DENSLAGEN, Win. **Romantic Modernism. Nostalgia in the World of Conservation**. Translated by Donald Gardner. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.
- DROSTE, Magdalena. **Bauhaus: 1919-1933**. Tradução Casa das Línguas Ltda. Berlim: Taschen, 2013.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GORELÍK, Adrián. Prefácio e Introdução In: MÜLLER, Luis. **Modernidades de Provincia: Estado y Arquitectura en la ciudad de Santa Fe, 1935-1943**. Universidad Nacional del Litoral: Santa Fé, 2011.
- GROAT, Linda; WANG, David. **Architectural Research Methods**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HERNÁNDEZ, Manuel. **La casa en la arquitectura moderna. Respuesta a la cuestión de la vivienda**. Barcelona: Editorial Reverté, 2014.
- JANJULIO, Maristela da Silva. **A arquitetura doméstica da classe média paulistana nos anos 1950: o "bem viver" moderno**. 2014. 361 p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.
- JONES, Rudard A.. 14 split- level houses designed for solid-fuel heat. Small Homes Council - *University of Illinois*, Urbana-Champaign, 1951. Disponível em: <https://www.ideals.illinois.edu/items/54907>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- KAMITA, João Masao. A casa moderna brasileira. In: ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian (orgs.). **Arquitetura Moderna Brasileira**. Tradução Vanessa Faleck. 1ª ed. Londres: Phaidon Press, 2004, p. 140-169.



LARA, Fernando Luiz Camargos. **Excepcionalidade do modernismo brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.

LINCOLN HOMES: BETTER HOMES BY BETTER METHODS. *Lincoln Homes Company*. Pennsylvania: Lincoln Homes Catalog, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/LincolnHomesBetterHomesByBetterMethods/mode/2up>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MAHFUZ, E. da C. Nada provém do nada: A produção da arquitetura vista como transformação de conhecimento. São Paulo, **Revista Projeto**, n.69, 1984, p. 89-95.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. "Há algo de irracional...", notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira. In: GUERRA, Abílio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira. Volume 2**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2010, p.131-168.

ROBICELLI, Allison. What Is a Split Level Style House? DESIGN & DÉCOR/ HOME DÉCOR, *MyDomaine*, Aug 28, 2021. Disponível em: <https://www.mydomaine.com/split-level-house-5198432>. Acesso em: 06 nov. 2024.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço**: habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições SESC, 2016.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3ª ed. São Paul: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2018.

TAVARES, Jéssica Barbosa. Os tempos da arquitetura moderna: permanência, obsolescência e conservação. Duas casas de Camillo Porto em Belém. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2022.

VIDAL, Celma de Nazaré Chaves Pont. **Experiências do Moderno em Belém**: construção, recepção e destruição. VI RUS, São Carlos, n. 12, 2016.

WASMAN, Marina. **O interior da história**. Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

NOTAS

¹ Dr. Elwin Robison é Bacharel em Engenharia Civil pela Brigham Young University e Mestre e PhD em História da Arquitetura pela Cornell University. É docente na Kent State University em Ohio.

² Entrevista concedida a Prof.ª Dr.ª Celma Chaves em 2003 (Tavares, 2022).

³ Suíte americana ou demi-suíte.

⁴ O interior da casa sofreu diversas alterações em vista das constantes mudanças de uso. Acréscimos na estrutura, assim como novas salas nos interiores geraram uma circulação extremamente fragmentada. A casa atualmente é a sede de uma clínica psiquiátrica.

⁵ A casa foi completamente alterada no ano de 2022, restando apenas a estrutura dos quartos. Tanto a parte do *living* quanto o andar inferior foram demolidos.

⁶ Antônio Couceiro (1940), engenheiro formado pela Escola de Engenharia da UFPA entre 1961-1965. Foi sócio de Camillo entre os anos de 1965 e 1975.

